

1 Exposição

Andava às voltas com motivos para estudo e pesquisa que pouco moviam forças do meu desejo – o que era apagar de uma convivência (entre mim e o *sujeito* escolhido) o traço do que *vive politicamente*. A entrada que vislumbrava para minhas *opções políticas* na *academia* era aquela que trazia a marca equívoca de uma *identificação*, de um *reconhecimento*, de uma *comunhão* (o que me parece hoje por demais *genético* ou *estrutural*). Daí o fato de, naquele momento (início de uma pós-graduação que agora concluo), escolher Graciliano Ramos como *objeto*.

Uma voz sutil (bem próxima àquela a que Roland Barthes dá o nome de *sapientia*) chamava-me a atenção para possibilidades outras, talvez mais ancoradas em meu arquivo. Marília Rothier Cardoso, então ministrando disciplina da qual era aluno, parecia ter percebido aquela *marca estrutural* que enfraquecia a escolha. Depois de alguns dias, tendo entrado em contato com a produção de Arthur Omar, entregava a ela (como trabalho final) uma monografia a respeito dessa produção, desse contato. Suas sugestões, apostas à correção cuidadosa, faziam-me vislumbrar enfim a possibilidade de uma *pesquisa desenvolvida com toda força do desejo*.

Além disso, Marília proporcionara um *saboroso (sapientia)* encontro, que reforçaria a *opção* para a qual gestávamos (seu alunos) entradas e saídas – o *prazer* de uma pesquisa. Roberto Corrêa dos Santos, no espaço de uma aula daquela disciplina, fizera *fugas atrás da orelha* surgirem. Depois daquele encontro, outros em que apresentaria a Roberto aquela mesma monografia, a partir da qual faria acréscimos às sugestões anteriormente surgidas.



Essa pequena cartografia de gestos afetivos é aqui delineada para indicar duas *linhas, samples* do *mapa* que se pretende estar atualizando neste trabalho. Primeiro, o registro de encontros em que *nenhum poder e o máximo de sabor possível* estiveram a pôr alguns *pontos* em movimento, do qual surgiram virtualidades destas *modulações*. De outra – fato conclusivo – o ter manipulado traços que estiveram sempre a migrar (para o desejo do meu arquivo ou de convivas) e assim deslocar a academia do lugar de uma *vida sem desejos*: nela se pode ainda *viver politicamente, quer dizer, com toda força do desejo*.

